

Se a Mediunidade Falasse 11

CONVERSAS COM JOSE



GRUPO
MARCOS

CONVERSAS COM JOSÉ

SE A MEDIUNIDADE FALASSE 11

GRUPO MARCOS



Sumário

<i>PREFÁCIO</i>	4
<i>EGOÍSMO E ORGULHO</i>	6
<i>A ROTINA DO PRESENTE</i>	20
<i>CAFÉ COM JOSÉ</i>	25
<i>SOBRE A SÉRIE</i>	36
<i>Breve Nota</i>	39
<i>COORDENADOR DO GRUPO MARCOS</i>	40
<i>CONHEÇA O GRUPO MARCOS</i>	41
<i>EURÍPEDES BARSANULFO</i>	42

PREFÁCIO

O livro que agora te entregamos é um exemplo de como um Espírito inferior pode – e deve – tornar-se verdadeiro servidor de Jesus. Não por causa de elevação súbita – o que não existe –, mas por conta de disposição acentuada pela devoção à própria regeneração, por meio do verdadeiro serviço ao próximo.

Estamos no mundo – a imensa falange do Consolador – para unirmo-nos a todos dos diversos graus evolutivos e das diversas opiniões religiosas para, em nome do Cristo, construirmos a Civilização do Espírito, que nunca será a civilização de seita religiosa alguma! É a civilização da devoção à necessidade do próximo, pela certeza íntima de que o Criador cuida de cada um em particular.

Eis aqui o mistério da superação do egoísmo desvendado: ter a convicção do amor de Deus, que atua na objetividade do mundo, move os corpos celestes e as criaturas minúsculas, as quais garantem a saúde material do ser, e que estrutura o íntimo do Espírito e cria universos inimagináveis pela mente do ser encarnado. É este Amor que atuará em tua proteção, em teu amparo, sempre.

Não fui Espírito de escol mas, se me permitem a brincadeira, fui Espírito de escola: a extraordinária escola de Allan Kardec, que prossegue formando Espíritos para atuarem no mundo. O Espiritismo, em nosso plano, reveste-se de uma grandeza indescritível, pois alia-se à capacidade do educando de perceber as realidades profundas, apresentadas pelo codificador. Sim, o codificador – aquele que reorganiza o saber espiritual da Terra, com vista à construção do Bem no mundo – permanece como nosso educador, sábio e generoso.

Trismundo é o símbolo do Espírito ativo, em busca de si mesmo, com o amparo do Cristo. Eurípedes, esse fiel discípulo da primeira hora, nunca abandonou ninguém em sua luminosa trajetória espiritual, que se caracteriza pela assunção de responsabilidades extraordinárias, para proporcionar amparo profundo a milhares de seres que cruzaram seu caminho. Eurípedes soma à sua existência de devoção em Sacramento

milênios incontáveis de serviço abnegado aos que mais sofrem. Não poderia ser outro o perfil do líder da Nova Geração.

Irmãos, amigos. Despeço-me emocionado com a possibilidade do contato com os que amo: os estudantes da verdade. Se a Terra, por vezes, vos parece esse terrível campo de batalha emocional, asseguro a vós, os vitoriosos das lutas pelo bem, a verdadeira felicidade

José Herculano Pires.

EGOÍSMO E ORGULHO

Trismundo observa, com atenção, o jovem Paulo, que se levanta para ler. Espanta-se. “Como alguém tão moço pode colaborar com um mestre tão sábio?” – pensa Trismundo, que ainda está viciado com uma grave doença da Terra: valorizar a aparência mais do que a essência. E é isso o que exclui os jovens de atividades consideradas mais importantes, pois eles não aparentam, externamente, estar preparados. José olha para ele e comenta:

—Meu amigo, se você soubesse como era a aparência de Jesus, quando encarnado, nunca pensaria desta forma.

—Eu... Eu... – balbucia, assombrado, e conclui: Me desculpe!

—Importante é que você, meu amigo, comece a entender que, na vida verdadeira, para os que amam a verdade, a única aparência que importa é a do coração, as vibrações que partem do ser; e não como ele está, externamente.

— Obrigado! – agradece, constrangido.

Após a conversa, Paulo inicia a leitura do capítulo 19 de **Obras Póstumas** de Allan Kardec:

O Orgulho e o Egoísmo

“*Suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los.*”

É evidente que a maioria das misérias humanas têm a sua fonte no egoísmo dos homens.

— Estamos convencidos desse fato? Ou ainda queremos culpar o outro – seja ele o governo, o pai, a mãe, o companheiro ou a companheira – por nossa infelicidade? – comenta José e, em seguida, pede para Paulo prosseguir:

“ Desde que cada um pensa sempre primeiro em si mesmo e quer a sua própria satisfação acima de tudo e a qualquer preço, consequentemente sacrifica, sem escrúpulo, os outros, tanto nas menores como nas maiores coisas. Tanto nas questões materiais como nas questões emocionais. Disso nascem todas as disputas sociais, todas as lutas, todos os conflitos, porque cada um quer ter mais do que o outro.

— Compreendido isso, vamos à questão central: o que gera o egoísmo, que faz nascer todas as misérias do mundo? – comenta o professor José.

Trismundo está muito atento. Afinal, descobrir a origem dos males sociais é a busca de todos os homens que, ao longo dos séculos, estudaram e comandaram as sociedades. Por isso, ele foca no professor, com toda a sua atenção. A leitura prossegue:

“ O egoísmo tem a sua fonte no orgulho.

O professor para. Silencia. Deseja que todos entendam esta afirmativa tão simples, mas tão importante.

— O egoísmo tem a sua fonte no orgulho – repete José. Paulo continua:

“ A supervalorização da personalidade leva o homem a se considerar melhor do que os outros e, por isso, com mais direitos, aborrecendo-se com tudo o que seja uma limitação ao que julga merecer. A importância que ele, por orgulho, pensa ter, tem a consequência de o tornar egoísta.

— Rousseau – comenta José – nos ensina que tudo sai perfeito das mãos do Criador dos mundos. Concordamos com o filósofo educador e indagamos: de onde nasce o orgulho? O que é o orgulho? Vejamos a resposta do codificador, que foi aluno de Pestalozzi, que era seguidor de Rousseau. A leitura continua:

“ **O egoísmo e o orgulho nascem de um sentimento natural: o instinto de conservação.** Todos os instintos têm uma razão de existir e têm uma função útil e importante, porque Deus não faz nada inútil. Deus não criou o mal; é o homem que produz o mal, quando abusa do que Deus lhe dá, usando erradamente seu livre arbítrio. **Esse sentimento, o orgulho, dentro de limites equilibrados, é algo bom em si; é o exagero que o torna mau e nocivo; é a mesma coisa com todas as paixões que o**

homem, frequentemente, desvia de seu objetivo natural. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso; criou o homem simples e ignorante; foi o homem que se tornou egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe deu para a sua conservação.

— Entendamos isso com o intelecto e com o coração, e saberemos conduzir melhor nossas vidas e instituições espíritas. Primeiro: nada que existe é mal em si. Nada! Se entendermos isso, não seremos como os atuais espíritas puritanos, que fogem do mundo por medo de contaminação, que elaboram dezenas de regras mediúnicas, fundadas em seus medos, com a ilusão de garantir um fenômeno puro. Tudo o que existe é essencialmente bom. Apenas o excesso, a distorção, torna o bom sentimento algo prejudicial.

Trismundo está chocado! Sempre associou a religião verdadeira a algo puro, imaculado. Sempre dividiu o mundo entre pureza e imundície; e agora aquele Espírito, simples e iluminado, lhe fala algo tão diferente...

— Tudo o que existe é bom. É o excesso, o abuso, que transforma o bom em mau – conclui José.

— Podemos classificar o desejo de poder como algo bom? – é a pergunta que Trismundo queria fazer, feita por outra pessoa.

— Sim – responde José, olhando para o participante que perguntou e, depois, para Trismundo. O desejo de poder nasce de nossa origem divina. Queremos, desejamos ter a capacidade de realizar, de nos sentirmos seguros, de ajudar. Não foi isso que fez o Cristo no mundo? **O problema nasce quando nosso desejo de poder torna-se um desejo de poder excessivamente egoísta!**

A resposta caiu como uma bomba na mente de Trismundo. “Esse conceito é muito transformador! Tenho jeito!” – pensa Trismundo que, desde que foi ajudado por Anastácio, não sabia como lidar com a autculpa.

— Exatamente! O desejo de poder, como todos os desejos, tem origem divina. Não somos seres perdidos ou perversos; precisamos apenas saber guiar nossos desejos, desligá-los do excesso de egoísmo.

— Mas falar que Jesus tem desejo de poder não é uma blasfêmia? – pergunta um ex-dirigente espírita que, após desencarnar, voltou a assumir seu psiquismo mais profundo, o de um vigário católico.

— Não está no Evangelho de Lucas, no capítulo 13, versículo 34, que Jesus lamentou por Jerusalém e afirmou que queria poder protegê-la como uma galinha protege seus pintinhos?. Não é isso um desejo, que fica limitado? Eis aí a diferença! O Cristo restringe seu desejo – que não é egoísta – para respeitar nosso livre-arbítrio. Fosse o desejo do Cristo egoísta, ele imporá sua proteção a todos, de forma a não nos permitir errar – responde José.

A cabeça de Trismundo está a mil. Nunca imaginara encontrar com alguém tão culto, simples e verdadeiro. No mundo, conhecera muitas pessoas, mas não com aquelas qualidades. O desejo de poder, de fazer a própria vontade, é sim saudável – desde que não seja egoísta.

— Como entenderíamos isso em relação aos desejos sexuais? – pergunta Stênia, uma freira verdadeiramente espiritualizada.

“Como pode uma freira ser tão mais iluminada, quando comparada a um ex-dirigente espírita, sem nenhuma luz? – pensa Trismundo e resolve deixar para perguntar isso para Anastácio, mais tarde.

— O desejo sexual é o desejo de criação. Quando utilizado para aproximar pessoas que se amam e se respeitam, quando direcionado para a construção da beleza, na poesia, nas esculturas, na literatura – pois toda criação envolve energia sexual – temos a boa utilização do desejo sexual. Infelizmente, muitos usam o sexo como fonte de prazer destrutivo, como meio de fugir do mundo e de si mesmo, como energia destruidora das emoções superiores, mas a fonte do desejo é e será sempre sublime. Quem polui o rio, deverá, por séculos, beber água impura; mas a fonte generosa é sempre pura, e todos podem alcançá-la quando quiserem. Ainda aqui, temos a mesma distinção: energias sexuais utilizadas de forma correta e energias sexuais utilizadas de forma excessivamente egoísta! Mais alguma dúvida?

Ante o silêncio, José continua:

— Voltemos à questão central de nosso encontro: como organizar um centro espírita que não estimule o egoísmo, que é

filho do orgulho? Primeiro, entendendo que a origem do orgulho não é má; na verdade, é divina – segundo Allan Kardec, é o instinto de conservação. Essa é nossa primeira pista para desvendarmos o enigma. Precisamos agora entender quando e como o instinto de conservação passa a ser orgulho, que gera o egoísmo e os verdadeiros males da humanidade.

Trismundo, que sempre foi exigente em relação as pessoas, se belisca e pensa: “O que eu estou vivendo é verdade? Pode alguém compreender tão profundamente os problemas sociais e chegar a orientações reais e práticas? Sempre ouvi muitos intelectuais, que têm apenas muitas teorias!”

O jovem continua a leitura:

“Os homens não podem ser felizes, porque não vivem em paz; isso significa que eles não vivem segundo um sentimento de bondade, de compaixão e de compreensão mútua; resumindo, os homens não podem ser felizes, enquanto buscam se esmagar uns aos outros. **A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; mas exigem, para existir, a abnegação**; ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; portanto, existindo estes vícios, não existe verdadeira fraternidade; conseqüentemente, não existe igualdade e liberdade, porque o egoísta e o orgulhoso querem tudo para eles.

*Serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto eles reinarem, os sistemas sociais mais generosos, mais inteligentemente organizados, falirão sob os seus golpes. É bonito, sem dúvida, anunciar o reino da fraternidade, mas para que ele serve se existe uma causa destruidora? É como construir em areia movediça, ou como declarar que deve existir saúde para uma região infectada de doença. Numa região como essa, se quisermos garantir o bem dos habitantes, não basta enviar médicos, porque eles morrerão como os outros; é necessário destruir as causas que geraram as doenças. **Se quereis que vivam os homens como irmãos sobre a Terra, não basta lhes dar lições de moral; é necessário destruir a origem do mal: o orgulho e o egoísmo.***

Aí está a doença que merece toda a atenção daqueles que querem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto esses obstáculos existirem, os que desejam seriamente o bem da

*Humanidade verão seus esforços paralisados, não só por uma resistência do comodismo, mas por uma força ativa que trabalhará, sem cessar, para destruir a obra do Bem, porque **toda ideia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais.***

— Eis uma pista verdadeira e importante — a abnegação é a base da fraternidade e da caridade. Portanto, devemos fazer essa pergunta: **nossas atividades estimulam a abnegação?** O que realmente nos estimula a participar das atividades espíritas? Sentir alívio de nossas dores e apenas beneficiar os que amamos? Utilizar os nomes dos bons Espíritos para nos sentirmos importantes? Participar de uma instituição que é mais famosa ou maior que as outras? Uma instituição que alimente esses sentimentos é contrária aos ensinamentos do Cristo e de Kardec.

Após breve silêncio, continua:

— Abnegação. O que significa? Começamos com o que não é abnegação: desejo de aparecer, de artificialmente se sentir melhor do que os outros, o mais importante, o mais famoso. Seja como trabalhador, seja por estar perto de quem é famoso: isso não é abnegação! Abnegação é não desejar ser o melhor, é não querer ser o mais famoso, ou o mais respeitado. Abnegação é trabalhar mais e aparecer menos. Assim deve ser a conduta individual e institucional. Voltarei a este ponto. Como sei que todos lerão, após nosso encontro, este magnífico texto, peço que Paulo compartilhe conosco uma síntese sua das orientações seguintes do texto de Kardec.

— Bem — responde Paulo, organizando suas ideias — Allan Kardec ensina-nos a combater o orgulho. Se fosse impossível acabar com o orgulho, o mundo não teria jeito. Felizmente, os fatos provam que o ser humano progride! Aponta o codificador que existem seres desprovidos de orgulho, nos quais o sentimento de abnegação, amor e verdadeira humildade são tão naturais que não se duvida que a pessoa nasceu dessa forma. Eles são minoria, mas, pelo simples fato de existirem, provam que é possível existir seres humanos generosos e fraternos, em todas as ocasiões da vida. O desafio central, portanto, é: como tornar a minoria em maioria? Como aniquilar as causas que alimentam o mal? A primeira ideia, a ideia principal que estimula os excessos do orgulho e do egoísmo, é a ideia mentirosa de que tudo termina com a vida material, é a

ignorância do ser sobre seu passado e sobre seu futuro. E essa ignorância, seja como dúvida do futuro, ou como convicção materialista, faz o ser voltar todas as suas energias e desejos para o presente, para a satisfação dos desejos inferiores, sem nenhum limite e equilíbrio. Assim, a verdadeira fraternidade torna-se impossível, porque a fraternidade sempre exige algum tipo de sacrifício que o ser, amesquinhado por sua ignorância, se recusa a fazer – conclui Paulo.

— Chegamos aqui ao ponto central. Agora podemos responder à questão de nosso encontro: como fazer com que homens e mulheres ajam abnegadamente? Ensinando e provando ao indivíduo que ele tem um passado, um presente e um futuro. Kardec ensina que, enquanto se ignora de onde se veio e para onde se vai, a consequência é óbvia: o ser humano liga-se ao imediatismo do mundo.

— Como fazer isso? – indaga, intrigado, o ex-espírita.

— Reencarnação, lembrança entre encarnações, e contato com os desencarnados.

— Sim, mas isso já é ensinado desde que surgiu o Espiritismo... – comenta o ex-espírita.

— A verdade é que não é ensinado: é apenas pregado; e, entre ensinar e falar, existe um oceano de diferenças.

— Como assim? – questiona novamente.

— Amigo, uma das diferenças entre o Espiritismo e as outras nobres denominações religiosas é que Espiritismo é ciência, e só se aprende ciência com a prática. Não há outra forma. Os centros espíritas que se negarem a educar seus frequentadores e prepará-los para que vivenciem as experiências espíritas ficarão na infância do Espiritismo. Na verdade, se tivermos como modelo a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, eles não deverão sequer usar o nome “espírita”; serão instituições de divulgação, no máximo. O que precisamos hoje é de instituições de pesquisa e vivência espírita. Os que estão familiarizados com a história do Cristo entendem que o Mestre nunca apoiou a mera divulgação teórica. Quando enviou os apóstolos para anunciar a Boa Nova, ele definiu bem o que isso significava, dizendo: “Ressuscitai os mortos, expulsai os demônios, curai os enfermos e anunciai o Reino de Deus”. Para o Cristo, não há ensino real sem vivência. Não acredito

que o modelo do palavreado espírita, com a adulação de palestrantes e médiuns, seja o modelo certo. Desculpe-me, mas quando um orador espírita dedica-se mais a pregar do que a praticar, há algo de errado...

— Então você é contra as palestras espíritas? – indaga o ex-espírita, mostrando-se abalado.

— Sou contra o modelo atual, sim. Vemos uma verdadeira indústria de promoção de indivíduos. Paulo de Tarso foi o grande orador cristão e nunca, em sua vida, deixou de amparar enfermos e auxiliar nas igrejas nascentes, para simplesmente falar. A pregação tem o valor da vibração espiritual de quem fala, e que valor têm aqueles que mais pregam do que fazem? Na atualidade, todos falam de todos os assuntos, e isso é infantil. Há duas exigências para que se fale de um assunto, com um mínimo de propriedade: a primeira, é o conhecimento aprofundado – estudo e reflexão; a segunda, é a vivência. Não basta repetir o que se ouve de alguém famoso – e ser famoso não é o mesmo que ser evoluído, diga-se de passagem – assim, não teremos Paulos e sim papagaios, e papagaios muito mal treinados! – conclui, com firmeza e bom humor.

Muitos riem. Após um instante, José prossegue:

— Sim, já está na hora das instituições espíritas mais ligadas a Kardec e ao Cristo instituírem programas que preparem todos que queiram aprofundar seus conhecimentos espirituais de forma prática. Assim fez Jesus de Nazaré. Preparação séria. Diálogos, estudos, processo educativo de superação do medo e muita vivência. Os fariseus não poderão parar esse programa, pois ele nasce da necessidade de espiritualização dos habitantes da Terra e a Nova Geração irá implantá-lo no mundo, queiram ou não queiram aqueles que pensam mandar no movimento do Consolador! – conclui. Paulo continua:

— Kardec, como educador, fala algo extraordinário sobre o que é a educação espírita. Diz o codificador que, quando o homem se identificar com sua vida futura, mudará completamente. Ora, identificar-se não quer dizer simplesmente saber que existem Espíritos e que ninguém morre. É algo mais profundo. Quais as consequências desta identificação? O ser que entende que é imortal, não se ilude; ele sabe que por pouco tempo ficará na Terra,

que ela é uma péssima habitação, e que ele pode ir para uma excelente morada ao morrer. A vida terrena, sendo curta, triste e efêmera, perde seu interesse em relação à vida infinita, bela e eterna; por isso, ele sacrifica seu bem restar material para conquistar uma felicidade superior. Ele passa a entender que tudo, no mundo, nada mais é do que um acessório a ser utilizado por ele, para conquistar uma condição feliz no futuro. Ele não tem mais interesse em enganar ninguém, nem em tomar o que não lhe pertence. Sabe que existem tesouros infinitamente mais valiosos e dedica-se a eles. Acrescenta José:

— É isso o que queremos — **a identificação do ser com a vida futura!** — o que é isso? Um conceito vago e confuso? Não! É uma realidade emocional, existencial. Não podemos estacionar nas importantíssimas descrições da vida espiritual; é preciso auxiliar o indivíduo a entender, a sentir-se Espírito imortal. É neste momento que começa a profunda revolução espiritual. É a vivência associada ao sentimento.

Paulo prossegue:

— Uma vez explicada a mudança em relação aos bens materiais, Kardec explica a mudança em relação ao orgulho. Afirma que a causa do orgulho está na ideia de superioridade individual. O incrédulo não tem motivo para combater o orgulho, e tudo o que lhe acontece é, para ele, apenas mérito seu ou fruto da sua boa ou má sorte. Somente a reencarnação, segundo Kardec, pode mudar em profundidade essa ideia ilusória. Entendendo que muito já errou, que imensa foi a atuação da Providência em seu favor, o orgulhoso se transforma. Saber que já foi mais atrasado do aqueles a quem julga inferiores é um golpe terrível, mas muito educativo para o orgulhoso. E ainda mais terrível, ao orgulhoso, é saber que aquele a quem ele despreza pode alcançar, no futuro, uma posição espiritual superior à dele. Isso o fere dolorosamente, mas o transforma ao fazê-lo sentir que a igualdade é uma lei universal — fala Paulo e conclui com a leitura de mais um trecho do mesmo texto do início da aula:

“ No campo imenso do infinito que o Espiritismo lhe faz entrever, sua importância pessoal se anula; compreende que sozinho não é nada e nada pode; que todos têm a necessidade uns dos outros; duplo revés para o seu orgulho e o seu egoísmo.

— Usando a palavra sábia de Kardec, repito: é preciso provar!
— comenta José.

— Mas o codificador não proibiu experiências com regressão de memória, de lembrança de vidas passadas? – pergunta o ex-espírita, mais uma vez.

— Não, amigo, isso não é verdade, como você pode constatar em **O Livro dos Espíritos**, nas questões 395, 396 e 397:

“ 395. *Podemos ter algumas revelações sobre as nossas existências anteriores?*

— Nem sempre. Muitos sabem, entretanto, o que foram e o que fizeram; se lhes fosse permitido dizê-la abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.

396. *Algumas pessoas crêem ter a vaga lembrança de um passado desconhecido, vislumbrado como a imagem fugitiva de um sonho que em vão se procura deter. Essa idéia não seria uma ilusão?*

— Algumas vezes é real; mas quase sempre é também uma ilusão contra a qual se deve precaver, pois pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.

397. *Nas existências corpóreas de natureza mais elevada que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?*

— Sim, à medida que o corpo é menos material, recorda-se melhor. A lembrança do passado é mais clara para aqueles que habitam os mundos de uma ordem superior.

— Os Espíritos fazem questão de destacar a compreensão de que todos, no futuro, vamos saber de nosso passado. Se isso fosse contrário à Lei de Deus, isso não ocorreria nos mundos superiores. Na Revista Espírita, Allan Kardec comenta claramente sobre a lembrança de vidas passadas e confirma as informações com seus guias espirituais – comenta José.

— Mas os Espíritos não dizem que o esquecimento é uma benção?! – indaga o ex-espírita.

— Sim, certamente. Para lembrar de todas as existências, é preciso estar muito preparado. Temos dificuldade de perdoar e de nos perdoar; por isso, o esquecimento é um ato de misericórdia. O diferente está em preparar-se para lembrar de episódios importantes ou de algumas existências anteriores, para termos a

prova, e não apenas o conceito da reencarnação. Quem não consiga lembrar ou não queira, que estude, que entreviste os amigos do centro sobre suas lembranças. Isso é mais real e edificante do que apenas ouvir sobre o assunto.

Paulo, continue por favor!

Paulo retoma a explicação do texto de Kardec:

— Essa transformação – ou melhor – a contínua destruição do egoísmo e do orgulho apenas pode se dar com o fundamento da fé. Ensina o codificador que, sem a fé, o Espírito está condenado a viver a **rotina do presente**. Porém, a fé que Kardec afirma ser poderosa o suficiente para esta cruel batalha é a fé fundamentada, lúcida e corajosa, constituída de raciocínio e de provas objetivas da imortalidade da alma. Após um breve silêncio, Paulo continua:

“Depois de iniciado este processo, o egoísmo e o orgulho pouco a pouco desaparecem, porque perdem o sentido. Nada justifica sua existência, nada o estimula. O ser aprende, emocionalmente, a reconhecer o que tem valor real. As relações se modificam, os valores se transformam. O ser adquire o que chamo de bom gosto espiritual. As vibrações de disputa e calúnia o desagradam, as emanções de alegria fraterna o estimulam e dão prazer. Alerta Allan Kardec, em nome do Espiritismo: nada na natureza ocorre de forma brusca, mágica. O ser condicionado, embrutecido pelas paixões inferiores, não pode se tornar abnegado instantaneamente. Precisa de tempo, muito tempo, para assimilar ideias elevadas, que muitas vezes o confundem. Devemos, portanto, entender o Espiritismo como um formador de novos seres, em vez de um transformador instantâneo de pessoas e instituições. E, acima de tudo, entender que aceitar as verdades espíritas é apenas o primeiro e mais básico passo para a transformação íntima. Ninguém torna-se evoluído por conhecer toda a codificação, mas sim por aplicar as verdades da codificação na própria vida” – conclui Paulo.

José agradece a Paulo por sua síntese e fala:

— Eis aqui o que propomos: instituições que não apenas pregam, mas vivenciem; espíritas que não apenas digam, mas provem; atenção no que é espiritual, e não material – fala José.

José silencia, fecha os olhos por um instante e, ao reabri-los, deles jorram luzes. O professor então continua:

— Estamos aqui, amados amigos e amigas, por um nobre motivo: a Nova Geração encontra-se no mundo. Quem a ela quiser se vincular, para evoluir e transformar a Terra, prepare-se.

Após uma pausa, prossegue.

— Apresentamos o modelo geral da nova instituição espírita que, na verdade, é a simples e natural continuação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Quem investigar as práticas de Kardec na Revista Espírita, vai constatar que nunca o mestre foi contrário a lembranças de outras existências, nem à recepção de informações sobre planos reencarnatórios. Muitos dirão que isso gerará orgulho. Respondo-lhes, segundo Allan Kardec, que a maior causa de orgulho e egoísmo é a ignorância espiritual. Doemos o pão da imortalidade à próxima geração espírita, e ela mudará a Terra. Muita paz! Muito obrigado!

Trismundo está emocionado. Na verdade, está banhado em lágrimas. Ele e a tão sofrida sociedade terrena têm solução. Não é algo mágico, nem instantâneo, mas há uma solução: espiritualizar-se, conhecendo e vivendo as verdades espirituais! “Como tudo teria sido diferente se eu tivesse tido acesso a experiências que me educassem na última encarnação...” – pensa.

— Não se lamente – afirma Anastácio – na próxima você terá muitas oportunidades. O futuro é glorioso para todos os trabalhadores de boa vontade. Vamos, quero lhe apresentar ao José.

— O professor? – pergunta Trismundo, mal acreditando.

Anastácio sorri.

— Sim, amigo. No mundo cristão, o que conta é a luz que carregamos e a real boa vontade. Você, por coragem, assumirá muitas responsabilidades; logo, queremos que esteja muito bem preparado.

— Assim enfrento até um trem! – responde, empolgado.

E enfrentará! Não se engane. Como ensina Kardec: **toda ideia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais**; consequentemente, há quem não goste delas.

— Se não houvesse dificuldades, meu salário seria pequeno, não é verdade? – comenta Trismundo.

— Verdade! – responde Anastácio.

Ambos riem. Anastácio leva-o para apresentá-lo a José que, ao vê-lo, o cumprimenta e diz:

— Contamos muito com você! Saiba que você poderá ser um auxiliar importante na obra dos bons Espíritos.

— Mas, por que eu? – indaga Trismundo.

— Bem, meu amigo. A resposta é simples: você tem coragem, e isso é importante. Muitos espíritas, dedicados e sinceros, ante o desafio de discordar dos mandões do movimento, se calam, emudecem; outros ainda dizem que essa atitude é “caridade”. E veja onde chegamos: proíbe-se a mediunidade para os jovens, e estimula-se a tal da “fama” entre médiuns e palestrantes... O Chico, que se tornou famoso pela sua obra, nunca saiu fazendo autopromoção, e sempre foi contra cobrar para vê-lo falar. Ele até dizia que não iria a lugares em que as pessoas tivessem que pagar para vê-lo. Tudo mudou... Mas por pouco tempo. Você não precisará brigar com ninguém, apenas apresentar o pensamento de Kardec, de forma clara e objetiva. A Nova Geração nasce com critérios mais lúcidos e, na dúvida, consultarão a Codificação, a Revista Espírita e quem merece, de fato, ser modelo. É compreensível que, em um primeiro momento, muitos espíritas estejam condicionados pelos padrões dos religiosos formais. Mas agora tudo vai começar a mudar.

Sabe por quê?

— Não... – responde Trismundo.

— Por que, ao chegar aqui, eles se decepcionam! Achavam que bastava ser amigo de médium famoso, bajular palestrantes e dirigentes – como, no passado, em outras religiões – para garantir a salvação. Que nada! Às vezes, o bajulado está bem pior do que o bajulador...

— É verdade? – indaga Trismundo, que precisará de tempo para assimilar tudo.

— Sim. O lado bom da história é que, após profundas decepções, reencarnam “vacinados” contra o vírus da bajulação e, em vez de bajular, vão trabalhar! Assim, pouco a pouco, o mundo muda.

— E a Nova Geração? – indaga Trismundo.

— Esse é o melhor assunto, mas ficará para outro momento. Venha me visitar e conversaremos sobre ele. É uma bela e longa história, que apenas se inicia.

Despedem-se. Anastácio, grande amigo de Herculano, abraça-o e agradece por tudo.

A ROTINA DO PRESENTE

Dois dias depois, Anastácio e Trismundo encontram-se para conversar. Apesar de morarem na mesma casa, devido às tarefas de resgate espiritual, seu guia estava na crosta da Terra.

— Vamos caminhar no bosque das oliveiras? – convida Anastácio.

— Sim. É mais um belo lugar pra eu conhecer!

— Como sabe que é belo? – indaga o guia.

— Até agora nada vi de feio por aqui, e acabo de ler sobre a vida de Eurípedes. Sei que simplicidade, elevação e beleza andam juntos no coração do amigo de Sacramento.

— Que leste de tão interessante sobre Eurípedes?

— É um livro intitulado **Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo**. Você conhece? – pergunta Trismundo, brincando, visto que foi Anastácio quem lhe deu o livro, como vimos no livro anterior.

Ambos riem.

— Sim, ouvi falar. Conte-me o que mais lhe interessou na vida de nosso benfeitor.

— Este livro me levou a outro, **A Grande Espera**, escrito pelo próprio Eurípedes. A leitura dos dois me deu uma ideia da grandeza desse Espírito.

— Conte-me – fala Anastácio, interessado em conhecer a opinião de Trismundo.

— Imagine só... Há dois mil anos, Eurípedes já era um Espírito lúcido e profundamente equilibrado; há cem anos, deu um testemunho inegável do poder do Espírito sobre a matéria e deixou

clara a função da mediunidade na educação da juventude. O que realizou, em público, com milhares de testemunhas que acompanharam sua vida na pequena cidade de Sacramento, deveria ter sido suficiente para que todo o movimento espírita o reconhecesse, no mínimo, como um modelo a inspirar as práticas espíritas. O que pergunto é por que o movimento mal o conhece e como não consideram seu exemplo? Além do mais, foi sempre amparado por Bezerra de Menezes. Como podem os espíritas não valorizarem esses exemplos?

— Pensei que iríamos conversar amenidades... – comenta Anastácio, brincando.

— Isso me intriga muito. Sei que dediquei minha última existência a lutar por conquistas materiais e poder, mas eu não sabia... Será que quando me tornar espírita no mundo irei também fugir destes exemplos? Isso me preocupa, de fato.

— Essa é a questão central, meu amigo. Por que tantos preferem ignorar os exemplos verdadeiros, os modelos de ação dos Espíritos superiores, e seguir modelos materializadores? Por que tanta fama de quem não tem evolução e tanto esquecimento dos verdadeiramente grandes? É fuga inconsciente. É melhor “aceitar” como modelo o que é mais cômodo, o que não impulsiona a transformação verdadeira, que é sempre um tanto dolorosa... Por isso, pouco se fala dele e quase nunca se adota o modelo de trabalho que ele exemplificou.

— Você pode me dar exemplos? – pede Trismundo.

— Sim, um em cada área. Na educação, proíbem-se os jovens de participarem de cursos mediúnicos sem nenhum critério espírita, sem conversa, sem avaliação de cada caso. Proíbe-se e pronto.

— Por quê?

— Porque é mais fácil proibir do que assumir a responsabilidade de educar. Eurípedes, porém, deu um exemplo diferente. Conversar, ser amigo, aprender a avaliar e orientar a evolução de cada um, dando-lhe a oportunidade de crescimento individualizado. Na área dos estudos, vemos palestras e mais palestras, mas quantos debates são feitos fundamentados no conhecimento de Kardec e de autores como Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozano, entre outros? O sujeito sobe na tribuna,

fala, fala e pronto. Não fundamenta seu discurso, e poucos apresentam pesquisas sérias. No colégio Allan Kardec não era assim: Eurípedes estimulava mais o crescimento de seus jovens alunos do que nossos encontros espíritas, que se apresentam como “científicos”.

— Não seria possível adotar o modelo de Eurípedes?

— Claro que sim. E, verdade seja dita, este é o modelo de Eurípedes, mas também é o de Kardec. Isso é possível, mas daria muito trabalho. Seria necessário se conhecer os autores citados e as atuais pesquisas.

— Então como fazer isso, na prática?

— É necessário criar uma nova cultura. Isso não acontece do dia para noite, mas é preciso começar. Solicitar trabalhos a serem avaliados e serem apresentados em congressos é um começo viável. No aspecto social, é a mesma coisa. Eurípedes fundou um colégio e uma farmácia. Tentaram matá-lo por fornecer educação e saúde gratuita aos pobres e ricos que o procuravam. Hoje, como estão nossas obras sociais?

— Sopa! Sempre associei o trabalho social espírita a sopa – diz Trismundo.

— A distribuição de alimentos, agasalhos e remédios é importante. Por que não fazer isso em bases mais sólidas? Por que não criar restaurantes populares, por que não criar farmácias homeopáticas e fitoterápicas?

— É que isso dá muito trabalho!

— Exatamente, Trismundo. O espírita encarnado ainda não entendeu que evoluir praticando a Caridade exige sacrifício. Muitos dirão: “minha vida já é tão atribulada...”. Mas não seria parte da solução uma dedicação mais intensa à obra do Cristo? Outros vão ao centro espírita em busca de forças para viverem suas fantasias, que acabarão, como sempre acabam, em sofrimento e dor. Essencialmente, o difícil é o Espírito encarnado entender que seus reais interesses não estão no mundo da matéria densa. Mudar isso é a batalha do Cristo há muito mais de dois milênios.

Anastácio silencia.

Trismundo, observando a linda paisagem que leva ao Bosque das Oliveiras, caminha pensativo.

Chegam.

— Vamos sentar lá em cima –fala Anastácio, apontando para um monte.

Ao atingirem o alto, Trismundo comenta:

— É belíssimo.

— O bem sempre surpreende em paz e beleza. Essa é uma lição que aprendi com Eurípedes. A generosidade de Deus é infinita! Por isso, lamentamos por todos que fogem da felicidade. Observe aquela estrela longínqua!

— Sim, eu a vejo.

— Estive lá, há alguns anos. Ela é cercada por planetas que são mundos superiores. Lá pude visitar três mundos, três planetas. São tão belos quanto diferentes. A beleza, a ordem e a harmonia têm expressões tão diversas e cativantes! – comenta Anastácio, empolgado.

Trismundo, que nunca imaginara que Anastácio tivesse tido essas experiências, pede que ele fale mais sobre esses mundos.

— Falarei sim. Isso faz parte de sua preparação. Os encarnados precisam conhecer modelos de sociedades superiores, para entenderem que o sacrifício de se educar compensa mil vezes o esforço despendido.

Anastácio respira fundo, como que contendo a emoção, e fala:

— Nesses mundos, não há trabalhos rotineiros, nem monótonos. Na verdade, do ponto de vista de seus habitantes, as rotinas seriam degradantes. Eles descobriram a beleza extrema da harmonia dinâmica, em tudo o que fazem. Os desafios nunca apresentam angústias e medos; as conquistas nunca representam a diminuição de ninguém; as descobertas são sempre transformadas em benefícios para os outros. Alegram-se em ajudar; em criar em todas as áreas do saber. Há muito não sabem o que é violência, miséria, disputa de poder. A morte é suave e o contato com os que amam nunca é interrompido. Acompanhei uma desencarnação em um destes mundos: mais parecia uma cerimônia de conclusão de curso da Terra; menos de uma hora depois da desencarnação, presenciei uma linda cena. O desencarnado apresentou-se iluminado aos olhos dos familiares e plasmou, em uma tela, uma pintura que mostrava os rostos dos seres amados

expressando – por forma, cor e brilho – características da relação emocional que construíram. Uma lembrança de gratidão. Nunca imaginei – continua Anastácio, emocionado – que a morte pudesse se revestir de tanta paz e de tanta beleza.

— Se os momentos difíceis são vividos assim, como seriam os encontros mais felizes? – pergunta Trismundo.

Anastácio, após alguns minutos de silêncio, em que observa a estrela, comenta:

— Amigo, ainda estamos tão longe de compreender a completa felicidade, que é viver em comunhão verdadeira, que precisamos nos preparar para um dia descobri-la. A vida na Terra é tão curta e podemos alcançar tanta paz em uma encarnação bem vivida... Como os espíritas não veem isso?

— Eu que me perguntei isso! – diz Trismundo, brincando.

— É verdade. Quando encarnados, quase todos fugimos da felicidade. Trocamos o tesouro da alegria verdadeira por meia dúzia de satisfações grosseiras e efêmeras – comenta Anastácio e conclui: O problema todo se resume ao orgulho, ao interesse próprio, míope e burro.

— E o que fazer para nos libertar desse vício emocional?

— Quebrar com a rotina do presente, fazendo o ser encarnado identificar-se com a vida espiritual – responde Anastácio.

Trismundo se deu conta de que já havia ouvido muito. Precisava de algum tempo para melhor entender. Ficaram então em silêncio por algumas horas, admirando a beleza da cidade de Eurípedes e a beleza do universo, visto de um plano superior.

CAFÉ COM JOSÉ

Trismundo passa uma semana avaliando suas novas responsabilidades, bem como os erros que cometeu e o que faria para evitá-los na próxima encarnação. Sabe que discutirá essas questões com Paula, mais uma vez com Eurípedes, e constantemente com Anastácio. Quantas questões surgem em seu íntimo! Seu passado espiritual, a situação de quantos deixou na Terra, e, acima de tudo, como se preparar para vencer. Queria ter uma encarnação vitoriosa. Cansava-lhe a angústia do fracassado, doíam-lhe as chances desperdiçadas. Às vezes, pensava: “Quem poderia acreditar, vendo-me agora, que eu era um fracassado, e não o “milionário” Trismundo! Como são passageiras as riquezas da Terra, e como exercem tão poderosa ilusão na grande maioria dos homens... Estou decidido: vou fazer tudo o que for possível para evitar cair, mais uma vez, nas garras da ilusão do mundo” – pensa.

Durante as manhãs, Trismundo frequenta a biblioteca Felipe, o Apóstolo. As tardes são reservadas para as caminhadas refazentes nos bosques da cidade e para meditar. À noite, aguarda ansioso Anastácio, quando ele não está em missão na Terra, para conversar, tirar dúvidas e sentir-se amparado.

Um dia, ao chegar de uma difícil missão na Terra, cumprida apenas parcialmente, por causa da limitação de um centro espírita que seria o apoio. Anastácio pergunta a Trismundo:

— Você já se deu conta da dificuldade dos centros espíritas em aceitar a evolução de suas atividades, a partir das metodologias que aqui desenvolvemos?

— Ainda não, mas penso que será mais fácil do que implantar a melhoria em empresas – afirma Trismundo, que conhecia a dificuldade que os funcionários de suas empresas tinham em

adotar uma nova tecnologia ou mudar algum método de trabalho.

— Claro que não, Trismundo. No mundo, para muitos, a atividade espírita é mera atividade secundária, que não precisa ser aperfeiçoada com estudo e inteligência. É por isso que precisamos de sua ajuda, meu amigo. Sabemos como você foi capaz de renovar as atividades de suas inúmeras empresas. Só que, agora, você deverá fazer isso sem interesse econômico – explica Anastácio.

— Entendo... Mas, para saber como inovar, como aperfeiçoar da forma correta, precisarei conhecer o Espiritismo a fundo. Acredito que a aplicação dos princípios espíritas na estruturação das casas espíritas deverá ter um impacto imenso no mundo, pois, se tanto conseguimos com as teorias e pesquisas da administração, o que não podemos fazer com uma teoria que é a expressão da própria Lei de Deus? – fala Trismundo, empolgado.

Anastácio sorri feliz e diz:

— É verdade. É essa a exata compreensão que precisamos desenvolver. Eurípedes, por exemplo, aplicando os princípios espíritas, criou uma farmácia e um colégio de excelência. E obteve extraordinários resultados em ambos.

— E por que os espíritas não fazem o mesmo? – indaga Trismundo.

— Isso você sabe, não é? – responde Anastácio.

— Sei sim. A grande maioria se acomoda. Não quer ter problemas, mesmo que a empresa esteja indo à falência ou, no nosso caso, algo ainda mais grave: mesmo que o trabalho do Cristo não esteja sendo adequadamente executado.

— Acho que você poderia passar uma noite sem dormir... – fala Anastácio.

— O que você tem em mente?

— Surpresa! Vamos sair em trinta minutos. Prepare-se!

Saem, caminhando tranquilamente. A cidade tem sempre uma atmosfera de paz. Depois de quase uma hora de caminhada e reflexões silenciosas, Anastácio para diante de um portão. Na varanda, encontram José. Trismundo sorri, feliz, pois não imaginava que aquele encontro acontecesse tão cedo. Sabe das inúmeras tarefas do professor no esclarecimento do movimento

espírita sobre o valor da Codificação, na orientação de muitos médiuns e, acima de tudo, sua atuação na literatura espírita.

— Sentem-se – diz José, que se levanta, entra na casa e vai pegar um bule de café esfumaçando. José serve então Anastácio e Trismundo, pegando um pouco de café para si mesmo.

— Mas vocês ainda tomam café? – pergunta Trismundo, impressionado.

— Na verdade, não, Trismundo – responde Anastácio. Mas, carinhosamente, José, sabendo que isso lhe seria agradável, preparou para você algo parecido com um bom café da Terra.

Trismundo fica feliz com tanta delicadeza, vinda de um Espírito tão mais elevado do que ele, e sorri, emocionado.

— Delicioso! – comenta.

— Mas é claro! Afinal, isso eu ainda sei fazer! – comenta José, rindo.

— Trismundo, combinei esse encontro com nosso amigo com o objetivo de te auxiliar a melhor entender o movimento espírita. Você precisará compreender duas questões para a sua próxima encarnação. Uma é o Espiritismo, e a outra é o movimento espírita. Como é compreensível, nem sempre o movimento é coerente com o Espiritismo. Por isso, é fundamental sempre consultar a Doutrina Espírita, quer dizer, as Leis de Deus, para estar adequadamente orientado no aperfeiçoamento da própria conduta e da conduta das instituições – explica Anastácio.

— Professor, primeiro eu quero agradecer pelo seu carinho e sua atenção por mim!

— Você é bem-vindo, Trismundo! No trabalho cristão, aprendemos que nunca podemos desprezar ninguém. Se o Cristo foi ao mundo, conviveu com homens rudes, com doentes de péssimo aspecto e teve que suportar, inclusive, a ignorância de alguns apóstolos, como nós poderemos nos esconder e negar o auxílio mútuo, de que todos necessitamos? Nunca podemos recusar ajuda a ninguém, se quisermos ser realmente cristãos. Mas ajudamos, é claro, na medida do possível. Só que esse “na medida do possível” tem de ser sincero. Além do mais, adoro conversar! – conclui, sorrindo.

Sentindo-se à vontade, Trismundo pergunta:

— Como o senhor avalia a literatura espírita?

— Bem, se você quer a opinião de Deus, é melhor indagá-Lo por meio de uma prece, não é? – responde, descontraído.

— Digo... “você” – fala Trismundo.

— Aí sim é comigo. Não tem nada de errado chamar alguém de “senhor”, mas, em nosso movimento, estamos indo além disso, estamos “santificando”... Mas voltemos à literatura espírita.

José respira fundo, como a coordenar as ideias, e fala com franqueza:

— A má notícia é que a literatura espírita está uma lástima, meu amigo; e a boa é que terá todas as condições de melhorar.

— Você pode explicar melhor? – pede Trismundo.

— Em nosso movimento atual, temos um empobrecimento lamentável. Se, por um lado, isso é compreensível, por conta da expansão da Doutrina Espírita, por outro, a acomodação dos espíritas esclarecidos é crime cultural lastimável. Entenda que isso não é uma questão de preciosismo academicista. Não! Não se trata de querer que todos leiam apenas os escritores representantes da alta literatura humana. Não é isso. O problema é que romances e histórias sem substância espiritual verdadeira são impotentes para *resgatar o homem da matéria*, segundo a expressão de Lázaro em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Essa expressão é muito importante. **A literatura espírita, seja de cunho científico, filosófico ou literário, propriamente falando, tem apenas uma finalidade: elevar o ser!** Ou seja: ampliar sua compreensão, torná-lo mais forte, mais robusto espiritualmente e impulsioná-lo, ainda na carne, a entender e sentir a grandeza de Deus e de Suas Leis; ensiná-lo a dar o valor justo às coisas do mundo, e não se afundar em prazeres doentes e conquistas desequilibrantes. Você entende?

— Entendo. Mas o que caracteriza uma literatura que resgata o ser da matéria?

— Veja Kardec e Denis, por exemplo. Existem histórias de indivíduos, romances, estudos científicos, filosóficos, históricos, contos e muito mais. Tudo tem uma característica em comum: eleva o ser. Todos estes textos induzem ao mergulho em nós mesmos. São vozes de diversas tonalidades que afirmam: és

imortal, vede a comprovação, observa as consequências de entender a imortalidade, admira quão grande é vosso Criador. Essa é a marca da literatura espírita: ela é ampla, sem moralismos caducos; ela é generosa e, ao mesmo tempo, é forte. Não há regras formais e sistemáticas. Não há estética rígida. Há uma direção. Quem produz essa literatura vive, em si, a mensagem do Consolador; por isso, oferta alimento real, e não alimento artificial, com toneladas de sabores falsos...

— Mas como lidar, na prática, com isso? — indaga o sempre prático Trismundo.

— Ah, como eu queria você como auxiliar no mundo, meu amigo! — comenta, descontraído. Você tem razão. Precisamos, como ensina Kardec, tornar as grandes ideias em práticas. Primeiro, é preciso que aqueles que desejam contribuir, de fato, com a literatura espírita, tenham seriedade em seu propósito. Não se pode mais aceitar que o Consolador seja tratado com tanto descaso. Não se faz obra séria com improvisações infantis. Seja na psicografia, seja na escrita de encarnados. O mais sério problema é a ilusão, fruto da ignorância e da preguiça. Querem acreditar que basta algumas horas de boa vontade para se tornar escritor ou médium psicógrafo. É preciso dizer claramente: não é assim. Está claro em **O Livro dos Espíritos**, na questão 521, em que os Espíritos da codificação afirmam: não podemos fazer os cegos verem! Ora, até onde eu saiba, nem Deus transforma um Espírito ignorante em sábio ou filósofo com um passe de mágica; mas muitos, no movimento, acham que é só escrever algum artigo, psicografar algumas linhas e sair fazendo palestras e pronto: já pode brincar de ser mártir cristão. Não é e não pode ser assim! Portanto, é preciso esclarecer os iludidos que Espiritismo é cristianismo primitivo, o que significa que apenas com vivência abnegada produziremos bons resultados. Você acha que Léon Denis teria escrito o belíssimo **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** se não tivesse uma vida profundamente abnegada? Impossível! E, curiosamente, ele explica neste livro, com todas as letras, que grandes obras nascem da alma de quem viveu o sacrifício. Sacrifício de tempo para dedicar-se, sacrifício para ser coerente com as Leis de Deus, sacrifício no aprendizado das regras de cada atividade, sacrifício da vaidade e do orgulho.

— Mas o problema não é que as pessoas fazem muito pouco e

são muito aplaudidas pelo público espírita?

— Sim e não. Observe que cabe aos dirigentes ajudar os iniciantes a entender o que lhe falei. É compreensível que a população, de arraigada tradição católica, confunda inicialmente palestrante com padre e médium com santo, e isso é compreensível. Consequentemente, assim como não se questiona padre em missa, não se analisa fenômeno mediúnico de “santo”... É o velho medo do inferno... – explica José, sorrindo e, em seguida, mais sério, afirma: O problema está nos dirigentes. É deles a responsabilidade de, amigavelmente, apresentar a responsabilidade do trabalho e a necessidade de aperfeiçoamento, como fez Paulo com Marcos, ao viajarem para pregar o Evangelho; mas muitos dizem que é “caridade” não avisar... Não concordo. Principalmente depois de ver a situação dos sabichões do Espiritismo ao chegarem aqui, no Hospital Esperança.

— Como traçar um programa de ação? – pergunta Trismundo, que persiste em encontrar ações práticas.

José sorri e explica:

— Entendidos os desafios, começemos com a ação. A proposta é estudar Allan Kardec e desenvolver formas didáticas de apresentá-lo ao grande público. Não precisamos de palavras difíceis, conceitos vazios e confusos. É simples: estude-se, entenda-se e desenvolva-se meios de divulgar Allan Kardec e, em seguida, de divulgar Léon Denis, Gabriel Delanne e Aksakof. Se fizermos um trabalho bem-feito em relação a Kardec, ganhamos metade de batalha.

— Com que meios? – pergunta Trismundo.

— Todos! – diz, abrindo um sorriso. Ora, no mundo você não utilizava televisão, rádios e computação para alcançar sucesso? Por que não usar isso para a mensagem do Cristo?! Claro, cada um usa os meios ao seu alcance. Hoje, pode-se, com relativa facilidade, se divulgar palestras, peças teatrais, textos, etc. O que falta é a consciência de que os interessados devem se preparar e produzir materiais com qualidade doutrinária e estética; na verdade, a orientação do Espírito Verdade a Kardec ainda é plenamente válida: materiais que cativem o público e que sejam instrutivos; materiais que interessem aos estudiosos sérios. Antes que você me pergunte o que precisamos para fazer isso, já lhe digo: dedicação!

Apenas isso: dedicação.

— Nunca vi nada tão grandioso, tão fácil de entender e com tanta dificuldade para se implantar – comenta Trismundo, ao se dar conta do quanto poderia ser feito e do quanto não se faz.

— É isso, meu amigo. E agora, queres saber a boa notícia?

— Sim, claro. Até tinha me esquecido que tinha a boa notícia!

— A literatura espírita passará por uma renovação, um renascimento, da mesma forma que aconteceu com as ideias gregas e com o cristianismo primitivo.

— Não entendi.

— Não aconteceu, por volta do século XIV, o resgate, a revivência das ideias greco-romanas em plena idade média, por muitos chamada de Idade das Trevas? Que Espírito encarnado, em meio a tanto atraso, poderia imaginar que o mundo daria um salto cultural tão importante?! Depois, temos o Renascimento do cristianismo, no século XIX, com Allan Kardec. O processo é o mesmo; o diferencial é que tudo ocorre de forma mais rápida. Existem grandes períodos de renovação, que ocorrem com velocidades variadas. Vejamos o movimento espírita. Primeiro, ele se inicia em Paris que, na época, era a capital intelectual do mundo. Kardec lança as bases, Denis o divulga. Mas o Espírito europeu, apesar de sua grande cultura, não soube valorizar a chegada do Consolador; assim como os fariseus, à época de Jesus, eles não queriam ver para crer. Quando viam, ficavam furiosos, desprezavam, distorciam. Pois bem, a ordem do Cristo foi transportar o Consolador para o Brasil.

— Mas essa decisão não havia sido tomada antes mesmo da chegada do Espiritismo no mundo? – indaga Trismundo.

— Pelo que vejo, você andou estudando... – comenta Herculano.

— Sim, a Biblioteca Felipe é excelente!

— É verdade, mas a França e a Europa poderiam ter mantido a luz espírita em sua cultura e, em conjunto com o Brasil, espalhá-la pelo mundo. No planejamento espiritual, o esforço e a abnegação são sempre premiados. Não cabe ao Brasil ser a única nação espírita e, se contasse desde o início com a ajuda de outros povos, tudo seria bem melhor. Como dizia, com a transferência do centro

de atividades do Espiritismo para o Brasil, reencarnam centenas de Espíritos com a tarefa de impulsionar a espiritualização do país. A lista é numerosa, mas podemos destacar Bezerra de Menezes, Olímpio Teles, Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, entre outros. Depois deles, os aprendizes nem sempre foram atentos e fiéis. Um grande número de Espíritos profundamente comprometidos com os erros do passado rogaram ao Cristo uma chance, uma oportunidade. Naturalmente, para esses irmãos, tão comprometidos com o orgulho, o Espiritismo poderia ser o remédio amargo, mas salutar.

— Amargo?

— Sim, amigo: amargo. Conhecer-se a si mesmo, saber-se ainda atrasado e necessitado de transformação por meio do trabalho, do perdão e da caridade, em todos os setores da vida, é remédio amargo para quem militou séculos e milênios disputando cargos, honrarias e poder. Não acha?

— Sim, eu entendo. E como eles se saíram?

— Temos casos belíssimos de superação, aprendizado e crescimento espiritual: são histórias que você deve procurar conhecer.

— Sim, irei estudá-las – responde Trismundo, que entende a sutileza da colocação.

— No entanto, a maioria não mudou. Esse é o quadro do atual movimento encarnado. As escaramuças psicológicas mascaram as disputas de poder, as vaidades e a conduta direcionada pelo orgulho e o amor-próprio... Mas não aos olhos de Deus, é claro.

— Como identificar essas condutas, para que eu não as copie quando encarnar?

— Amigo, quando transformamos caridade em atividade de fim de semana, há algo errado! Devemos, sim, colaborar com essas elevadas atividades; porém, isso não é suficiente! Como resolver traumas e impulsos infelizes, que carregamos há séculos, alimentando-os durante a semana e fazendo de conta que somos cristãos por algumas horas, no fim de semana? É preciso servir mais! Quem serve pouco tem tempo para alimentar impulsos infelizes. Tem tempo para falar da vida dos outros, tem tempo para disputas inúteis, tem tempo para polêmicas estéreis.

— Então a regra é doar-se verdadeiramente à caridade?

— Sim, mas, antes disso, é preciso entender o que é caridade! Caridade é a sopa e o pão, mas também é o pão espiritual, a compreensão, a oração sincera, a ajuda mediúnica, a atenção carinhosa a conhecidos e desconhecidos.

— O que é pão espiritual?

— Pão espiritual pode ser também café – diz, rindo, em referência ao encontro que estão tendo.

Trismundo entende a brincadeira e também sorri.

Herculano continua:

— Estamos aqui ajudando-nos uns aos outros. Isso é a verdadeira caridade! Não existe uma relação saudável em que alguém perca, meu amigo. Além disso, temos os livros! Agora vamos falar da literatura espírita.

Os olhos de Herculano estão iluminados. Eles expressam a beleza de profunda sabedoria com uma empolgação juvenil.

— Muitos amigos já estão no mundo, Trismundo. Depois do Renascimento Cristão, no século XIX, tivemos uma pequena idade das trevas no movimento, com a reencarnação dos mesmos religiosos medievais. Agora é o período dos novos Petrarcas e Galileus, dos novos servidores abnegados que, na verdade, são os mesmos. Você entende? As estações culturais da Terra alteram-se com a reencarnação de agrupamentos de Espíritos elevados e Espíritos pouco elevados; os primeiros ensinam, exemplificam, mostram; os outros tentam e aprendem ou não, segundo o seu livre-arbítrio. É a alternância das gerações que gera a ascensão e decadência das civilizações. É o ensino e a prática, segundo a pedagogia divina.

Trismundo está assombrado com a grandeza da criação divina, do processo evolutivo que sempre une superiores e inferiores. Olha então para Herculano e indaga:

— Isso quer dizer que uns vem, mostram, ensinam e, depois, é como se saíssem de cena para deixarem os aprendizes praticarem. É isso?

— Sim. Sem exageros, é exatamente isso! O mundo nunca fica abandonado aos aprendizes, mas eles têm certa liberdade de ação.

— Isso é fascinante!

— O mais fascinante vou lhe dizer agora. Esse processo muda de patamar, quer dizer, não ficaremos sempre alternando entre trevas e luzes, entre períodos de brilho, seguidos por etapas de atraso emocional e cultural. A transformação da Terra em mundo de regeneração significa que essa alternância extrema acabará; haverá sempre diferentes estações e momentos, mas a Terra, após a conquista desse patamar, não mais verá guerras sanguinolentas, nem miséria moral e material. O parâmetro será outro, seus habitantes não aceitarão mais isso.

— Entendo. E como chegaremos lá?

— A etapa, que já se iniciou, será decisiva, meu amigo. O Espiritismo deve enraizar-se no coração dos homens. Feito isso, a vitória do bem estará assegurada. Uma vez desperto espiritualmente, mesmo quando erra, o ser não se torna mais animalizado, como está hoje, lutando em sua busca de poder e mando. O coração cristão não aceita o sacrifício do outro em benefício pessoal. Prefere, ao contrário, o testemunho em prol da Humanidade. Você entende?

— Sim, mas como colaborar com esse grandioso plano? — responde Trismundo que, de alguma forma, quer fazer parte da grandeza dos planos do Consolador.

— Não faltam oportunidades, meu amigo. Espíritos reencarnados revolucionarão a compreensão do Espiritismo. Eles não mudarão a Doutrina Espírita, mas auxiliarão os seres a entenderem a mensagem poderosa do Consolador.

— De forma prática, como isso se dará?

— Vou lhe dar um exemplo. Eles revolucionarão a mediunidade, instituindo parâmetros legitimamente espíritas. Eles não temerão o fenômeno mediúnico, como muitos hoje temem. Serão capazes de recepcionar elevadíssimas obras mediúnicas, realizarão experimentos que comprovarão, em laboratório, a imortalidade do Espírito, realizarão curas físicas e espirituais. Aplicarão os conceitos de regressão, reencarnação e lembranças do mundo espiritual para curar medos e traumas, e também implantarão os conceitos da caridade bem compreendida nas atividades sociais. Há tanto a fazer... e eles farão! São muitos e são abnegados, competentes e infatigáveis. O mundo, assim como

na época do cristianismo primitivo, viverá uma experiência de ouro. Queira Deus que os corações endurecidos se convertam, pois chegamos ao período das definições espirituais graves.

— Sinto minha pequenez ante tudo isso.

— Esse é o seu desafio, amigo! Muitos, sentindo-se pequenos, em vez de tornarem-se humildes, buscam compensar esse sentimento incômodo com cargos, palestras exibicionistas e polêmicas inúteis; você, para se redimir, deve orar e pedir a Deus coragem para aceitar a própria pequenez, em vez de tentar negá-la com fugas de vaidade – explica José.

— Vou fazer isso! Vou aprender a aceitar minhas falhas e a não fugir delas. Sei que isso é o que gera o medo de olhar para o passado e para si mesmo, isso é o que gera o medo de conviver com os mais novos, e é isso que gera o medo de ser um verdadeiro cristão. Curiosamente, aceitar meu atraso espiritual é o início indispensável para minha evolução!

— Excelente! Você entendeu a primeira e mais importante lição. Você deve, simplesmente, “ser gente”! – conclui, com bom humor e felicidade.

Todos riem.

“Como é bom ser cristão!” – pensa Trismundo. Nunca, em nenhuma reunião política ou de negócios, ele foi capaz de se sentir tão bem, tão leve, tão feliz.

Conversam, conversam e conversam. Aquele encontro, simples e informal, na verdade, é uma valiosa oportunidade de aprendizado para Trismundo, e também uma reunião de trabalho em prol da Humanidade, ainda tão confusa e perdida. O diálogo amigável e simples entre José, Anastácio e Trismundo delineia um grandioso plano de ação, que seria, em breve, apresentado ao diretor espiritual da cidade, responsável por guiar a Nova Geração: Eurípedes Barsanulfo. Trismundo tudo ouve, encantado. A competência, a criatividade e a simplicidade daqueles amigos e trabalhadores o surpreendia e o educava, por meio de cada palavra alegre que ouvia. “Um dia serei assim!” – pensa Trismundo, alimentando esperanças que sua futura encarnação seja o início de sua redenção...

SOBRE A SÉRIE

Amigo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiramente, quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem O servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual de nosso grupo é o Espírito Ivan de Albuquerque. Explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive representações simbólicas, como as empregadas por Jesus, em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou de simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciará o ensino simbólico da realidade objetiva, como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, têm como autores os professores que as ministraram. Consequentemente, cada aula ou exposição da série Se a Mediunidade Falasse possui autor específico.

Destacamos aqui que expressamos, com o máximo respeito, as ideias, pensamentos e sentimentos destes amigos que colaboram conosco. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular ao estudo e à reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e eles deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos – pois nomes conhecidos podem causar incômodo – decidimos apresentá-los com seus nomes verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros, que devem ser conhecidos por todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra, e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal de contas, deve-se avaliar a obra, e não os médiuns que a receberam, pois a série Se a Mediunidade Falasse será recebida por diversos médiuns.

Como foi recebido o livro

Vou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido, pensei que fosse uma peça teatral; depois percebi que seria um livro e, em seguida, uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons Espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita, para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica” ou automática.

Psicografia é a transmissão de obra (literária ou não) por meio limitado (a mediunidade), o que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium têm especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava apenas escrevendo... O que, de fato, eu estava fazendo. Só que eu escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio da realização quase diária do Culto do Evangelho, o que se tornou um hábito, que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons Espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito

que devemos nos esforçar para atingir essa meta, apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos! Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a proposta de nosso grupo. Sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco, pois queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer que, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura! É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!

Breve Nota

Os trechos citados são indicados pela equipe espiritual, cabendo a equipe encarnada a responsabilidade da tradução ou escolha da tradução.

Adotamos, na maior parte das vezes, a tradução de José Herculano Pires.

COORDENADOR DO GRUPO MARCOS

Ivan Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946, com 28 anos. Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do amparo de quem sofre. Soube sempre se sacrificar em benefício dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. Esse amigo coordenou nossas atividades entre os anos de 2001 e 2016.

Nosso coordenador atual apresenta-se como: “O amigo espiritual de sempre.”

O Grupo Marcos tem a direção geral de Eurípedes Barsanulfo.

CONHEÇA O GRUPO MARCOS

Grupo Marcos é um grupo de amigos: encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes, que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome Marcos – o nome-símbolo do grupo – é em homenagem a uma encarnação de Eurípedes Barsanulfo, nosso dirigente espiritual, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênio que se tornou verdadeiro cristão. Essa história você pode conhecer no livro A Grande Espera, da Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).

NOSSOS PRINCÍPIOS

1. Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição gratuitamente em nosso site www.grupomarcos.com.br, sendo previamente autorizado imprimir, copiar e divulgar;
2. As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;
3. Para colaborar conosco ou caso você queira nossa ajuda, basta nos contatar; Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec;
4. Dentre elas, a Codificação e a Revista Espírita são as principais obras que norteiam o nosso trabalho;
5. Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;
6. Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

EURÍPEDES BARSANULFO



Eurípedes nasceu em 1 de maio de 1880 e desencarnou aos 38 anos em 1 de novembro de 1918. Teve uma vida de grandes realizações nas áreas da educação, Colégio Allan Kardec, e da saúde, Farmácia Esperança e Caridade, além de ter fundado jornal, grupo de teatro e ter sido vereador de sua cidade, Sacramento em Minas Gerais.

Médium extraordinário e estudioso dedicado utilizou todos os recursos ao seu alcance para o ensino prático das verdades espirituais.

Apresentando diariamente a seus alunos adolescentes provas de imortalidade.

Sua vida é apresentada em nosso livro Meu Amigo Eurípedes Barsanulfo, na biografia de sua discípula Corina Novelino, Eurípedes, o Homem e a Missão e no livro escrito por Eurípedes desencarnado, A Grande Espera.

O nome Grupo Marcos é uma homenagem a Eurípedes Barsanulfo, nosso diretor espiritual.



ENTRE EM CONTATO
Entre em contato conosco.

contatogrupomarcos@gmail.com

www.grupomarcos.com.br

gostou do livro?
agradeça, divulgando-o!

Contamos com você!



LINKS GERAIS - GRUPO MARCOS 2024	
Nova Geração Livro dos Espíritos	Castos
Curso A Imagem da Luz	Castos

LIVROS		
Meu Amigo Eurípedes Barsanulfo	Amazon	Google books
Áudio livro MAEB	Castos	
Vivência Mediúnica Primitiva	Amazon	

SÉRIE SE A MEDIUNIDADE FALASSE (SMF)			
1 Iniciação	Amazon	Google books	iBooks
2 Vampirização	Amazon	Google books	iBooks
3 Despertar	Amazon	Google books	iBooks
4 Medo e Mediunidade	Amazon	Google books	iBooks
5 Cristianismo e Mediunidade	Amazon	Google books	iBooks
6 Antes do Consolador	Amazon	Google books	iBooks
7 Consolador	Amazon	Google books	iBooks
8 Renovação Social e Imortalidade	Amazon	Google books	iBooks
9 Pequena Mestra	Amazon	Google books	iBooks
10 Aventuras de um Morto	Amazon	Google books	iBooks
11 Conversas com José	Amazon	Google books	iBooks

SÉRIE - DEPOIMENTOS		
Depoimentos 1	Amazon	Google Books
Depoimentos 2	Amazon	Google Books

SÉRIE - DOCTRINA SECRETA		
A Origem no Egito Antigo — 1	Amazon	Google books
Deus para a Doutrina Secreta — 2	Amazon	Google books
Entregar-se a Deus — 3	Amazon	Google books
Sete atitudes essenciais em nossa relação com Deus— 4	Amazon	Google books
Seven essential attitudes in our relationship with God - 4	Amazon	
Caridade: Sentido profundo — 5	Amazon	Google books
Imortalidade — 6	Amazon	Google books
SÉRIE -REFLEXÕES EDUCACIONAIS		
Diálogos com Ivan de Albuquerque (Reflexões educacionais 1)	Amazon	Google books
(Reflexões educacionais 2)	Amazon	
(Reflexões educacionais 3)	Google books	
Nova geração Livro dos Espíritos, Livro 1: Causas Primárias	Amazon	

CURSOS	
Livro A Imagem da Luz: a Presença do Cristo nas Três Revelações	
Amazon	Google books
A Figura do Cristo	Castos
Anjo Guardião	Castos
Série Nova Geração	
Apocalipse	Castos
A Grande Espera (Os essênios e o Cristo	Castos
Socialismo e Espiritismo	Castos
Sonhos segundo o Espiritismo	Castos
Prevenção a Autodestruição	Castos
Deus um Amigo Especial	Castos
Reflexões Educacionais	Castos
Para acessar e baixar todos os nossos materiais gratuitamente, segue link para nossas pastas do drive	
One Drive	Google drive